

REPRESENTAÇÃO PICTÓRICA DOS ÍNDIOS DO BRASIL

Joana Oliveira (mestrado em Artes Visuais – EBA/ UFRJ)

Palavras-chave: Brasil, Hans Staden, Imagem, Índios, Selvagens.

A impressão de um país onde tudo é possível, “sem rei, nem lei”, uma anarquia, sem uma civilização moderna ou hierarquias estruturadas, está presente desde o primeiro dia que os portugueses pisaram a areia branca de Porto Seguro. Hans Staden conviveu, prisioneiro, com uma tribo indígena por quase um ano, rotulando-os de selvagens. As suas palavras e ilustrações são um importante testemunho sobre os hábitos e costumes indígenas. Este texto parte de duas dessas ilustrações para refletir sobre a origem do imaginário do Brasil

Key-words: Brazil, Hans Staden, Image, Indians, Savages.

The impression of a country, where everything seems possible, “without a king, without a law”, an anarchy, without a modern civilization or even hierarchical structures, is present from the day on, when the portuguese made the first steps in the white sand of Porto Seguro. Hans Staden, a prisoner, lived together with an indian tribe, for almost an year. He described them as savages. His words and illustrations are important evidences of indian habits and traditions. This text is based on two illustrations. The main goal is to find out how europeans built up the brazilian image.

Estávamos a 22 de Abril de 1500, quando a grande armada capitaneada por Pedro Álvares Cabral, alcançou a costa leste brasileira, e os seus tripulantes avistaram, pela primeira vez, terras, até então, desconhecidas.

Os ecos do descobrimento lusitano sobrevoaram os mares em direção à Europa, levando, inevitavelmente, a uma redefinição dos dogmas eurocêntricos. A miscigenação entre europeus e índios, colocou-os diante de um sincretismo cultural, obrigando-os a repensar a posição da Europa no mundo. O impacto desse universo sobre o pensamento europeu pode ter definido o Brasil como uma invenção oriunda do imaginário da Renascença, onde o Éden e o Eldorado encontram-se, inspirando as utopias do Humanismo.

Os diversos visitantes dessa época imortalizaram em palavras a sua visão geográfica e humana do território, como testemunho do encontro com o “outro”, abrindo um novo mundo diante dos europeus, um portal para uma outra realidade, tropical e exótica.

Esses escritos enquadravam-se numa nova visão de mundo, e foi a partir deles que se desenhou a imagem do Brasil, exótico e selvagem. O panorama dos relatos dos viajantes que se aventuram pelo Brasil eram escritos e pensados para a recepção de um público europeu do Renascimento. Assim, o Brasil quinhentista é apenas conhecido através do depoimento de europeus, que encontraram nativos num universo mental bem diferente do deles. As suas narrativas são a revelação de um mundo paralelo onde o homem e a natureza encontram-se e interagem harmoniosamente, tornando-se símbolos de um universo de contrastes, edênico, por um lado, ameaçador, por outro. Nesse momento, as viagens dos descobrimentos unificavam as terras do nosso, já não tão misterioso, planeta, abrindo caminho para o que viria a ser a globalização e inaugurando o que viria a ser a modernidade.

A imagem da Terra de Santa Cruz nasceu dos participantes da armada de Pedro Álvares Cabral, traçadas por Pero Vaz de Caminha, Mestre João Faras e o Piloto Anônimo. Nenhuma das três narrativas foi inicialmente editada em Portugal. A notícia do descobrimento do Brasil só saiu impressa, no século XVI, quando Fernão Lopes de Castanheda publicou, em 1551, o primeiro volume da *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*. Estas narrativas de viagens são o nascimento da construção do imaginário europeu sobre o Brasil.

Vários foram os viajantes que se aventuraram por estas terras, sendo o mais célebre, por ter vivido entre os nativos, Hans Staden. Autor do primeiro livro europeu impresso, onde narra as suas vivências no território brasileiro. Staden ficou conhecido por relatar a sua vida como prisioneiro dos tupinambás e ilustrando o cotidiano indígena, com as suas guerras e rituais antropofágicos.

O aventureiro realizou duas viagens ao Brasil. A primeira proporcionou-lhe, apenas, um breve contato com o país, já a segunda, de 1550 a 1555, que deveria levá-lo aos estados espanhóis de La Plata foi desviada para a costa brasileira. No Brasil, foi obrigado a viver durante dois anos na selva, até conseguir alcançar uma colônia portuguesa. Hans Staden, ficou ao serviço dos portugueses, tornando-se comandante de um forte situado na ilha de Santo Amaro. Foi nessa altura que os índios o sequestraram, tornando-o num prisioneiro. Hans aprendeu os seus costumes, sem perder de vista a expectativa de ser comido numa festividade canibalesca. Só após dez longos meses de cativo, o capitão de um mercante francês se compadeceu do pobre alemão e o salvou enganando os nativos. Foi no ano de 1554, que se deu o seu resgate, e pôde regressar, por fim, à sua pátria.

As informações de Staden são consideradas uma das fontes mais importantes para o conhecimento da cultura das tribos, não só as suas palavras mas também as ilustrações, que transmitem o dia a dia da tribo, inclusive os atos de canibalismo. As



imagens seguintes tratam-se de duas dessas ilustrações¹.

¹ A primeira imagem retirada do site: <http://mestresdahistoria.blogspot.com.br/2009/09/como-era-gostoso-o-meu-hans-staden-por.html>.

A Segunda imagem retirada do site: <http://www.brasilviajaturismo.com/historia/hans-staden.htm>. Foram consultadas em outubro de 2013.

Ambas podem ser vistas no Museu Nacional na Quinta da Boa Vista no Rio de Janeiro. Imagens editadas por Theodor de Bry, acompanhando as palavras do relato de Hans Staden.

Nas imagens podemos observar membros da tribo tupinambá numa cerimônia, onde desmembram e devoram carne humana como animais selvagens alimentando-se de suas presas. Não nos podemos esquecer que Staden era um prisioneiro com medo de ser ele uma das próximas refeições e por isso a sua visão era com certeza distorcida e talvez exagerada. As imagens não nos apresentam os homens brancos como donos das novas terras, mas sim submissos aos cruéis antropófagos.

De Bry, o autor das imagens apresentadas, revela-nos, através das expressões corporais, a felicidade mórbida com que as índias enfrentam a morte dos seus inimigos. As belas nativas, de feições curiosamente gregas, curvas perfeitas e vastas cabeleiras, desfilam nuas pelo centro da aldeia, exibindo partes de corpos já sem vida, sem esconder a satisfação perante os defuntos. Em ambas as imagens observamo-las mordendo as mãos, contorcendo-se de prazer. Os homens, tal como as mulheres, mantêm uma postura impassível diante da morte. Estes cortam os cadáveres e retiram os órgãos, preparando-os para serem servidos à refeição.

As mulheres têm o papel de protagonistas e assemelham-se às feiticeiras belas e perigosas da idade média, cruéis, que devoram sem piedade a carne de homens que caem nas suas artimanhas. *As mulheres canibais traduzem a alteridade do Novo Mundo, pois antes mesmo da descoberta da América, já ocupavam um espaço no imaginário cristão* (Raminelli, 1996:105). A beleza dos seus corpos acendiam de desejo os olhos dos europeus, como serpentes guiando-os ao pecado, inclusive os religiosos que caindo na tentação, rompiam com os seus votos de castidade. Libertinos, violentos, perversos e imorais, características que delineavam as representações dos ameríndios na Europa. *Os índios-machos consideravam-se valentes e contavam a bestialidade como proeza. No sertão, os índios-fêmeas montavam tendas públicas para servir como prostitutas.* (Raminelli, 1996: 119)

Os homens indígenas ganharam contornos demoníacos, fazendo as delícias do imaginário europeu. O facto de raparem todos os pelos dos corpos e furarem a face e os lábios inferiores colocando paus que atravessam a pele, aproximou-os da imagem que

os europeus tinham dos demónios. Para além dos shows de horror que organizavam em redor da morte e da ingestão do inimigo, encontram-se também relatos testemunhando eventos que fazem jus a essa fama, índios bebendo descontroladamente, vomitando e dançando ao som dos maracás e cerimónias de exorcismo realizadas por sacerdotes.

As gravuras, que acompanham as palavras de Hans Staden, demonstram esse lado demoníaco e cruel dos ameríndios. Essas imagens não corresponderiam exatamente ao que ele viu, elas estão carregadas de estereótipos que alimentam um imaginário que os europeus entendiam e apreciavam. As gravuras dos descobrimentos mantêm formas e padrões que os europeus reconheciam, assim, os indígenas retratados não correspondiam exatamente aos indígenas encontrados, *a pintura não está muito longe da feitiçaria... O quadro que a arte faz surgir assim, por encanto, é duvidoso e incompleto, apela para a parte inferior da nossa alma, para a nossa imaginação mais do que para a razão.* (Gombrich, 2007: 108). As índias, desenhadas com o legado da arte grega, transformam-se em bruxas ou feiticeiras e os índios na própria encarnação do diabo. A difusão dos estereótipos do bárbaro, do demoníaco, do selvagem é uma forma de absorver e entender a diversidade cultural encontrada num povo que habitava o outro lado do planeta, um lado desconhecido e pouco ou nada iluminado pelos valores cristãos.

A maneira como os europeus retrataram os índios estava vinculada ao mundo que eles conheciam, um mundo colonial, onde as disputas por território, a expansão da fé e o trabalho escravo eram o *sine qua non* daquela época. O índio poderia ser visto de duas formas, ou como um escravo ou como um cristão em potencia.

O filósofo Michel de Montaigne argumentava que os europeus civilizados eram mais bárbaros que os canibais. Os selvagens comiam a carne dos seus inimigos para se apropriarem das suas forças, já os europeus torturavam e matavam em nome de um Deus que evoca o amor, a paz e a justiça.² As almas dos selvagens seriam inocentes e

² Ella Shohat e Robert Stam, em *Crítica da Imagem Eurocêntrica*, fazem referência ao livro *Des Cannibales* de Montaigne, na pág. 124.

puras, semelhantes às dos primeiros homens que não conheciam o pecado original, sendo uma antítese da cultura europeia mergulhada na escuridão de todos os pecados capitais. O conceito de índio foi se aproximando, no século XVI, do de liberdade com a mesma rapidez com que o de natureza se afastava do de cultura. Para Montaigne não havia nada de selvagem ou bárbaro nos tupinambás, pelo contrário, mantinham nos seus corações uma autenticidade já perdida nos europeus.

Na linha deste pensamento, Ella Shohat e Robert Stam, em *Crítica da Imagem Eurocêntrica*, acusam os colonizadores de destruir a memória histórica e a cultura nativa, para que pudessem criticar a sua falta de civilização. Desta forma, poderiam chamá-los de selvagens, como uma desculpa para os “domesticar” e apropriarem-se das suas terras. O homem selvagem não passaria de uma invenção conveniente, é certo que os nativos desconheciam o Deus cristão, não diferenciavam o valor do ouro do valor da pedra e a ideia de trabalho, família, sociedade ou política era bem distinta da concebida pelos habitantes do velho continente. Bastou, para que os europeus os rotulassem de bárbaros, seres degenerados, inferiores, com a necessidade da intervenção de uma sociedade “superior”, com uma cultura guiada por princípios e valores “certos” que lhes mostrasse o melhor caminho, o da verdade, o de Deus. Esta mesma cultura foi alimentando até aos dias de hoje o sentimento de superioridade europeia em relação ao outro. O racismo nasce disso mesmo, da atribuição generalizada de características diferentes que justificam a agressão, a injustiça e o abuso de poder. Shohat e Stam acreditam que a base psíquica do racismo não se encontra no sentimento de raiva ou desprezo em relação ao outro, mas sim de medo, e isso *está associado a um “eu” selvagem e sombrio que foi reprimido, assim como nas fobias em relação à natureza e ao corpo.* (SHOHAT e STAM, 50)

Um outro viajante que chegou ao Rio de Janeiro em 1556, Jean de Léry, considerou os índios, tal como Staden, selvagens e longe de Deus, no entanto longe da Europa. Quando o calvinista francês³ pisou terras brasileiras, deparou-se com franceses

³ A valorização das comunidades indígenas, por Léry, teria eventualmente uma repercussão que lhe seria conveniente, já que defender os índios e os seus costumes seria também uma forma de atacar os

que participavam em manjares sangrentos, gabando-se de terem assassinado e devorado prisioneiros, bem diferente da humanidade e inocência demonstrada pelos nativos. Léry encontrou neles “algo” que carecia na Europa: “lamento muitas vezes não ter ficado entre os selvagens, nos quais, como amplamente demonstrei, observei mais franqueza do que em muitos patrícios nossos com rótulos de cristãos”⁴. O francês foi conquistado pelos índios da tribo tupinambá e as suas palavras irradiaram pela Europa, atribuindo ao homem selvagem uma outra imagem, que mais tarde viria a ser aperfeiçoada por Montaigne.

Léry pintou de inocentes as mesmas pessoas que Staden retratou como monstros. Assim debatemo-nos com dois pensamentos opostos, quem eram de facto os “selvagens”? O filósofo francês, Jean Jacques Rousseau, defenderia os índios, argumentando com a “teoria do bom selvagem”. Rousseau criticava os valores da sociedade e apoiava o naturalismo, baseando-se na bondade natural do Homem. Para ROUSSEAU todo o mal encontra-se na sociedade. A criança é essencialmente boa e pura e é a educação dada pelos pais que a começa a corromper. Deste princípio, partiu para assegurar que os instintos e os juízos naturais merecem mais confiança do que o conhecimento e a experiência adquirida pelo contato com os outros. A formação moral e a sabedoria dos mais velhos é desvalorizada pelo filósofo, “os povos, tal como os homens, só são dóceis enquanto são jovens; à medida que envelhecem tornam-se incorrigíveis”. (ROUSSEAU, ????: 53)

Pero Vaz de Caminha admitiu que os nativos encontrados no Brasil eram gente de grande inocência, “a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior” (CAMINHA, 2000: 44) vivendo harmoniosamente com a natureza sem instituições políticas ou sociais, essas que segundo ROUSSEAU são as responsáveis por perverterem a bondade natural do homem. Seriam, então os portugueses a serpente que

colonizadores ibéricos, denunciando as atrocidades cometidas pelos católicos contra populações inocentes.

⁴ Citação retirada da *Revista de História da Biblioteca Nacional*, nº 92 *A Invenção do Voo*, artigo: *Saudades do Mundo Novo*, página 45, escrito por Alexandre Belmonte.

os atentou a provar do fruto proibido, que os expulsou do Éden, arrancou a inocência e corrompeu as suas almas selvagens porém puras e bondosas?

Sigmund Freud vem nos dizer ironicamente que este pensamento é “espantoso”. Alega que todos os recursos que procuramos à nossa volta, com o intuito de nos protegermos contra o sofrimento, fazem parte dessa civilização, civilização que é brutalmente criticada por Rousseau e seus seguidores. Para o filósofo, o ser humano é naturalmente bondoso, já para o psicanalista, ele é naturalmente cruel e a cultura ou a civilização⁵ têm um papel fundamental na imposição de limites aos nossos impulsos agressivos e até autodestrutivos. O pai da psicanálise considera que o fundamento da atitude de hostilidade para com a cultura está na origem de um sentimento de insatisfação que perdura ao longo dos séculos. FREUD defendeu que foram acontecimentos históricos específicos que a condenaram. *Os Descobrimentos* foi um desses acontecimentos fundamentais para originar o pensamento de que a sociedade é causadora da infelicidade dos homens. O psicanalista acreditava que, na verdade, os europeus tiveram uma visão equivocada dos hábitos dos indígenas. É de facto difícil garantir que os nossos antepassados eram mais felizes, e que essa felicidade foi diminuindo com as condições culturais.

Seguindo este mesmo pensamento, o português José Saramago, propôs-nos *Ensaio sobre a Cegueira*. Aqui o escritor apresentou uma reflexão sobre a bondade natural do ser humano ao criar um mundo dentro de um manicómio, isolado, onde ninguém tinha acesso ao exterior. Dentro, não existia Estado, instituições ou hierarquias, todos eram iguais, todos (exceto uma mulher) eram cegos. A desordem, a violência até a morte começa no manicómio mas a epidemia estende-se por toda a parte

⁵ Civilização e Cultura são sinónimo para Freud. Márcio Seligmann- Silva esclarece esses conceitos no prefácio do livro *Mal-Estar na Cultura*, pág. 24, citando Freud de um outro livro *O Futuro de uma Ilusão* que diz o seguinte: “a cultura humana – me refiro a tudo aquilo a que a vida humana se elevou acima de suas condições animais e se distingue da vida dos bichos; e eu me recuso a separar cultura de civilização – mostra dois lados ao observador. Ela abrange, por um lado, todo o saber e toda a capacidade adquiridos pelo homem com o fim de dominar as forças da natureza e obter seus bens para a satisfação das necessidades humanas e, por outro lado todas as instituições necessárias para regular as relações dos homens entre si e, em especial, a divisão dos bens acessíveis.”

e com ela o caos. Saramago, parte do mesmo princípio que Freud de que o homem é cruel por natureza. Sem uma sociedade que o limita os instintos de agressividade do ser humano revelam-se, vemos como rapidamente os seus personagens começam a discutir, roubar, poluir, matar, estuprar: *É desta massa que nós fomos feitos, metade indiferença e metade ruindade.*⁶

Hans Staden teve a oportunidade de ver de perto a bondade ou agressividade dos *selvagens nus, ferozes e canibais*, como ele os chamou. O alemão viveu uma aventura extraordinária e o seu testemunho percorreu a Europa. A história de Staden foi vivida com mais ou menos intensidade por outros aventureiros. Muitos vencidos pela natureza.

As imagens dos índios ultrapassaram os limites da colônia e difundiram-se por todo território europeu. As coleções de viagens, cartas, gravuras e pinturas procuraram apresentar aos europeus o cotidiano indígena. Representações concebidas por intermédio de estereótipos. Se essas ilustrações não eram fieis à veracidade da vida indígena, como eram de facto os habitantes do quarto continente? Nunca o saberemos, no entanto as falsas palavras e imagens garantiram o posicionamento do índio no imaginário ocidental. Representações que tiveram um papel fundamental na descodificação e tradução da vida indígena para a realidade europeia. Estas formaram uma ponte entre dois mundos tão distantes e tão distintos. Uma estrutura sustentada por estereótipos que legitimaram a intervenção dos europeus, para que os seres mergulhados nas trevas, alcançassem uma civilização superior regida pela luz divina.

BIBLIOGRAFIA:

Livros:

- ALBUQUERQUE, Manoel Maurício de (1981) - *Pequena História da Formação Social Brasileira*, Rio de Janeiro: Edições Graal.
- BURKE, Paul (2010) - *Hibridismo Cultural*, São Leopoldo: Unisinos.

⁶ Citação retirada do livro “Ensaio sobre a cegueira”, p.40, de Saramago.

- CAMINHA. Pero Vaz de, (2000) *A Carta de Pero Vaz de Caminha*, Manaus: Academia Amazonense de Letras.
- FREUD, Sigmund (2010) *O mal-estar na cultura*, Porto Alegre: L&PM.
- GOMBRICH, E.H. (2007) – *Arte e Ilusão, um estudo da psicologia da representação pictórica*, São Paulo: Martinsfontes.
- RAMINELLI, Ronald (1996) – *Imagens da colonização, a representação do índio de Caminha a Vieira*, São Paulo: USP.
- ROUSSEAU, Jean- Jacques, (???) *Contrato Social*, Lisboa: Presença.
- ROUSSEAU, Jean- Jacques, (???) *Emílio*, Lisboa: Inquérito
- SHOHAT, Ella e STAM, Robert – *Critica da Imagem Eurocêntrica*. Consultado online: http://books.google.com.br/books?id=DUwKqacScEC&printsec=frontcover&hl=pt-PT&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false
- STADEN, Hans (19??) - *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*, Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional.

Artigos:

- ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro (2013) – *Quarto Grande e Senzala*. Em: V. F. de Lima, Revista da Biblioteca Nacional: *Sexo e Poder*, nº 93, Rio de Janeiro: SABIN.
- BELMONTE, Alexandre (2013) – *Saudades do Novo Mundo*. Em: V. F. de Lima, Revista da Biblioteca Nacional: *A Invenção do Voo*, nº 92, Rio de Janeiro: SABIN.
- KNEIP, Andreas e MELLO, Antônio Augusto S. (2013) – *Babel Indígena*. Em: V. F. de Lima, Revista da Biblioteca Nacional: *Somos Índios: A Saga de um Povo Desconhecido*, nº 91, Rio de Janeiro: SABIN.
- MARANHO, Milena Fernandes (2013) – *Os Caminhos da Luxúria*. Em: V. F. de Lima, Revista da Biblioteca Nacional: *Sexo e Poder*, nº 93, Rio de Janeiro: SABIN.